

Valores antidemocráticos e ataques às instituições: comportamentos da direita on-line a partir da análise das contas “Direita Brasil” e “Verde e Amarela” no Twitter

Michele Goulart Massuchin
Maíra Orso
Dayane Mulheier Saleh

Resumo

O artigo discute o comportamento digital da direita, materializado a partir da atividade de atores digitais que surgem no contexto do sistema híbrido de mídia, em relação à dissipação de valores antidemocráticos e ataques institucionais. Apesar da proliferação bastante heterogênea desses agentes, a literatura tem mostrado a utilização generalizada de plataformas digitais para espalhar discursos de interesse político. O texto tem como foco dois perfis de direita no cenário brasileiro – Direita Brasil e Verde e Amarela – e faz uma análise da atuação das duas contas de Twitter em que são observadas 2.872 postagens. O artigo trabalha com as hipóteses de que (1) os ataques institucionais se intensificam ao longo do tempo, um resultado do acirramento entre os poderes, tendo-os como foco; enquanto (2) as críticas aos valores democráticos e os ataques ideológicos se dão de forma generalizada à democracia e são estáveis ao longo do tempo. Os resultados não confirmam as hipóteses em sua totalidade, mas mostram que as instituições e seus representantes são alvo das páginas, assim como os valores antidemocráticos também são propagados; porém, o foco dos ataques e os valores ressaltados se alteram constantemente.

Palavras-chave: Twitter. Direita. Valores antidemocráticos. Ataques institucionais.



Direito autoral e licença de uso: Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra, forneça um link para a licença, e indicar se foram feitas alterações.

I. Introdução

“Eu juro que não entendo como o povo ainda não cercou o STF e arrancou aqueles vagabundos de lá na base do pontapé...”. “Feminismo / esquerdismo é DOENÇA! <https://t.co/CjWa5pT6Bh>”. Estes três trechos são conteúdos de postagens realizadas pelos perfis Direita Brasil e Verde e Amarela no Twitter, os quais fazem ataques diretos às instituições e aos valores democráticos.

Ainda que pudessem ser casos esporádicos ou atípicos, a literatura já tem indicado que comportamentos agressivos são características discursivas de grupos ativistas e atores de direita no ambiente digital (CHAGAS, 2021; PENTEADO; LERNER, 2018; DALMONTE; DIBAI, 2019; NOURI; LORENZO-DUS, 2019). Chagas e Massuchin (2022) apresentam quatro eixos como repertório estratégico do ativismo de direita nas redes sociais – caráter identitário, natureza satírica e o humor agressivo, disseminação e estímulo à circulação de desinformação e dinâmica de ações coordenadas –; porém, no caso brasileiro, outras características mais específicas parecem também se evidenciar junto a essas – como o ataque às instituições e a presença dos valores antidemocráticos –, trazendo ingredientes adicionais para o discurso dos representantes de direita. Assim, também precisam de observação sistematizada. E é para esses dois elementos que este artigo direciona sua análise.

Esses discursos ganham expressividade em uma situação de desconfiança institucional (MOISÉS, 2005; BAQUERO; CASTRO; RANINCHESKI, 2017) e, também, de pouca adesão efetiva aos valores democráticos (VALORES EM CRISE, 2020). Vale ressaltar que esta pesquisa parte do pressuposto de que, no Brasil, a direita tem reemergido (MIGUEL, 2018), ou seja, apenas passou a atuar a partir de novos contornos do ambiente digital – não sendo uma total novidade.

Embora as páginas analisadas neste artigo não sejam visivelmente de responsabilidade da direita partidária, há um conjunto de conteúdos que são dissipados por grupos e apoiadores não necessariamente institucionalizados, mas que se aliam e se intitulam de direita. O que se tem, portanto, é a multiplicação de uma direita radical capilarizada que fortalece a extrema-direita partidária já existente (CASTELLI; PIRRO, 2018), e é sobre esse comportamento que se está falando: aquele não necessariamente institucionalizado ou aliado a partidos.

Assim, reforçado por discursos com ampla visibilidade pública, como do atual presidente e de outros representantes políticos, os comportamentos

antidemocráticos e que atacam as instituições ganham força no ambiente digital, especialmente nas redes sociais. Na internet, novos distribuidores de informação lucram de atenção ampliada; nesta conjuntura que páginas, canais e perfis de direita eles passam a atuar no cenário digital. São reconhecidos como nativos digitais e disputam narrativas sobre distintos fatos, especialmente no âmbito das redes sociais (MASSUCHIN; SANTOS, 2021; REIS; ZANETTI; FRIZZERA, 2020; PENTEADO; LERNER, 2018; CHAGAS, 2021).

Nesse contexto em que o ativismo de direita tem ganhado representantes e fontes de informação próprias nas mídias digitais e que se percebe indícios de que seus discursos denotam ataques institucionais, como aqueles mencionados no primeiro parágrafo, assim como aos valores democráticos, busca-se, neste artigo, analisar como isso se estabelece a partir de dois perfis do Twitter. Entre janeiro de 2020 e junho de 2021, foram coletados 2.873 posts, sendo 1.952 deles do Direita Brasil e 920 do Verde e Amarela.

Os perfis Direita Brasil e Verde Amarela foram selecionados como objeto de análise a partir de critérios de visibilidade, uma vez que essas contas congregam um considerável número de seguidores e compartilhamentos. Ademais, compartilham diversos conteúdos de agentes políticos de direita, repetindo e reforçando discursos que se sobressaem em outras esferas. Ademais, podem ser considerados representativos do *modus operandi* da direita on-line porque possuem uma atuação contínua e diária em relação à circulação de conteúdos, não agindo unicamente em momentos oportunos e demandados de ativismo.

O texto corrobora com as discussões sobre as características de atuação da direita, tema que tem se destacado na literatura nacional e internacional, na tentativa de perceber padrões de uso das redes digitais como estratégia política. Dentre os diferentes elementos acionados pela direita on-line, o texto mostra especificidades de dois deles, o que os coloca em posição de destaque e justifica o enfoque dado ao artigo. E, não menos importante, a análise traz um panorama que, junto a outras pesquisas, permite mapear estratégias de ação.

A partir da análise de conteúdo (AC), a observação se dá de forma comparativa entre as páginas e a partir da perspectiva longitudinal, identificando quando os ataques às instituições e os discursos antidemocráticos

ganham visibilidade no discurso presente nas páginas. Por fim, busca-se demonstrar que ataques institucionais e discursos que propagam valores antidemocráticos podem ser estratégias incluídas no repertório da direita brasileira no ambiente digital.

2. (Des)confiança nas instituições e adesão (ou não) aos valores democráticos

Para este artigo, compõe as instituições do regime democrático, como aponta Norris (1999, p. 11), os “[...] governos, parlamentos, o sistema de justiça e polícia, a burocracia estatal, os partidos políticos e os militares”. Sendo assim, a confiança nas instituições é parte importante da legitimidade democrática (MOISÉS, 2005). Porém, no quadro latino-americano e especialmente no Brasil, as pesquisas que medem a confiança nas instituições tendem a não demonstrar uma relação consolidada, com resquícios de autoritarismo e pouca adesão às regras das relações entre os poderes (VALORES EM CRISE, 2020). Essa desconfiança faz parte de uma conjuntura na qual as democracias ocidentais demonstram sinais de crise política (LEVI, 1998; KLINGEMANN, 1999; DALTON, 1999; CATTERBERG; MORENO, 2006) e no Brasil não tem sido diferente.

Nas Ciências Sociais, o interesse pelo conceito de confiança

[...] está associado com a preocupação com os processos informais através dos quais as pessoas enfrentam as incertezas e as imprevisibilidades que decorrem da crescente complexificação da vida em um mundo crescentemente globalizado, interdependente e fortemente condicionado por avanços tecnológicos que afetaram profundamente a comunicação social. (MOISÉS; MENEGUELLO, 2013, p. 4).

Há pesquisadores, como Gabriel (1995), que relacionam a confiança a partir dos tipos de personalidades individuais. Outros pesquisadores acreditam que ela se dá a partir dos valores culturais de cada sociedade (COLEMAN, 1990; FUKUYAMA, 1995). E, ainda, há os que acreditam que a confiança é proporcional à avaliação que os cidadãos fazem em relação ao desempenho econômico de governos e elites políticas (ANDERSON, 1995).

No cenário brasileiro, pesquisas realizadas nas três últimas décadas demonstram um elevado grau de desconfiança tanto interpessoal quanto em relação às instituições públicas por parte dos cidadãos. Um exemplo é a pesquisa Datafolha, a qual mostra que, em comparação com levantamento anterior, realizado em 2019, a desconfiança acerca do Executivo, Legislativo e Judiciário, além de outros atores institucionais, como o Ministério Público, aumentou em 2021. Nesse sentido, a Presidência da República foi a instituição com a maior desaprovação (FOLHA DE S. PAULO, 2021c)¹. E monitoramentos anteriores mostram que, longitudinalmente, tem-se desconfiança no Congresso Nacional e nos partidos políticos (GFK VEREIN, 2016). Outra pesquisa recente faz uma comparação entre 2020 e 2021 – em duas ondas – demonstrando que nenhuma confiança no governo passa de 36% (VALORES EM CRISE, 2020). Esses números ainda representam 62,1% da população com pouca ou nenhuma confiança nas instituições brasileiras.

Esse panorama mais recente da pandemia de Covid-19, complementa outras mudanças políticas que já vêm ocorrendo em escala mundial nas últimas duas ou três décadas, que afetaram as novas e velhas democracias de diferentes modos (MOISÉS; MENEGUELLO, 2013). Moisés e Meneguello (2013) apontam que, enquanto o descontentamento e a descrença política nas velhas democracias impulsionou os cidadãos a terem novas atitudes e uma maior participação na vida pública, nos países incorporados às democracias recentes tem-se notado o afastamento ou a apatia política por parte dos cidadãos, gerando números consideráveis de desconfiança institucional. Esse argumento é completado por Moisés e Carneiro (2008), que relacionam a desconfiança nas instituições com sentimentos negativos no que diz respeito à eficácia política, além de desinteresse político. Para compreender o processo de desconfiança nas instituições, Ribeiro (2011) se debruça no caso latino-americano e relaciona os altos níveis de desconfiança com um desencanto em relação às instituições centrais dos governos estabelecidos no momento da terceira onda de democratização,

1 Em reportagem de 24 de setembro de 2021, intitulada "Datafolha: Cai confiança da população nas instituições e nos três Poderes". Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/09/datafolha-cai-confianca-da-populacao-nas-instituicoes-e-nos-tres-poderes.shtml>.

já que, na região latino-americana, a permanência das instituições democráticas aponta que não há uma sólida opção pela democracia na cultura política desses países (RIBEIRO, 2011). O autor analisa dados sobre confiança no parlamento, nos partidos políticos, no poder judiciário, nos serviços públicos e sindicatos e encontra tendência de queda em três dos quatro países que observa; no caso brasileiro, mesmo com elevação entre 1991 e 1997, na sequência houve forte movimento de queda, fazendo com que atingisse apenas 25,1% de confiança em relação ao parlamento em 2006 (RIBEIRO, 2011).

Além da baixa relação de confiança com as instituições, a adesão aos valores democráticos também importa. Quando perguntados, os brasileiros tendem a demonstrar apoio à democracia, ainda que um percentual considerável ache que em determinadas circunstâncias uma ditadura seja melhor (G1, 2020)². Da mesma forma, em geral, as pessoas tendem a ser tolerantes em sua maioria (RIBEIRO; BORBA, 2019). No entanto, 64% dos brasileiros concordaram totalmente ou em parte que, em situações de crise, não importa que um governo passe por cima das leis, por exemplo (VALORES EM CRISE, 2020), ou seja, apesar da preferência pela democracia, suas bases e seus valores complementares não têm forte adesão.

Assim, tem-se um contexto democrático em que os valores que integram a democracia são frágeis, principalmente, quanto à tolerância religiosa e às minorias e, até mesmo, em relação à própria forma de governo e ao respeito à oposição e a outros partidos e agentes políticos. No mesmo conjunto, há desconfiança em relação às instituições, o que corrobora para criar uma relação de distanciamento ou até de ausência de necessidade quanto a elas. E, em uma conjuntura de baixa confiança e de pouca adesão aos valores democráticos mais consolidados, esses comportamentos ganham novos contornos – mais radicais – com ataques diretos às instituições e a seus agentes, assim como a dissipação de valores antidemocráticos no ambiente on-line, e com ênfase entre apoiadores que se alastram nas plataformas digitais a partir de canais não oficiais de direita (ALVES, 2016).

2 Reportagem do dia 27 de junho de 2020 – “Datafolha: 75% apoiam democracia e 78% dizem que regime militar foi ditadura”, que pode ser acessada em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/27/datafolha-75percent-apoiam-democracia-e-78percent-dizem-que-regime-militar-foi-ditadura.ghtml>.

3. A atuação da direita no ambiente digital e suas especificidades

Uma característica fundamental das chamadas “novas direitas” ou “direita alternativa” é o seu estabelecimento nos ambientes digitais. Ainda que não seja exatamente uma novidade, como reforça Miguel (2018), a internet possibilitou uma nova dinâmica no processo comunicacional – com destaque para aqueles que representam o espectro ideológico da direita – e as redes sociais tiveram papel essencial na difusão de suas ideias. Segundo Froio e Ganesh (2019), eles se relacionam justamente a partir dos laços permitidos pela internet.

A literatura na área da comunicação e política já demonstra o potencial acelerado pelas redes sociais que conectam usuários que pensam da mesma maneira e os abastecem com conteúdos que reforçam suas ideias (AMARAL, 2020; OLIVEIRA; LEITE; MARQUES, 2021; LIMA, 2021; FERREIRA; RIOS, 2017). Ademais, essa conexão permite que os grupos vivam em bolhas onde circulam *fake news* e desinformação, fortalecendo as câmaras de eco (RECUERO; SOARES; ZAGO, 2021). Na atividade política, o ambiente digital vem contribuindo para a formação de narrativas antidemocráticas, anti-institucionais, além de discursos de ódio e fomento de campanhas de desinformação, muitas vezes sob justificativa de liberdade de expressão; além disso, as pesquisas indicam que essa instrumentalização é associada, em sua maioria, a grupos ultraconservadores, de extrema-direita (PENTEADO; LERNER, 2018; SOLANO, 2018; OLIVEIRA; LEITE; MARQUES, 2021; PEREIRA, COUTINHO, 2019; AMARAL, 2020; BEN-DAVID, MATAMOROZ-FERNANDÉZ, 2016; DARMSTADT; PRINZ; SAAL, 2019; FERREIRA, 2019).

Nas democracias europeias houve, nas últimas duas décadas, uma ascensão política e eleitoral de forças de extrema-direita (CAIANI; WAGEMANN, 2009). As estratégias políticas ligadas a essa elevação vão ao encontro com o que destacam Ernst *et al.* (2017, p. 2) quando demonstram que os partidos e grupos extremistas utilizam estratégias populistas nas redes sociais, ou seja, uma “[...] ideologia tênue que considera – de um ponto de vista maniqueísta – a sociedade em última instância separada em

dois grupos homogêneos e antagônicos: ‘as pessoas boas’ versus ‘a elite má e que postula a soberania final irrestrita das pessoas’.

As implicações mais relevantes a serem destacadas sobre o uso dessa comunicação é a rejeição a aspectos cruciais da democracia. Na Europa, discursos antiminorias, nacionalistas e anti-islamismo estão constantemente presentes nas publicações dos grupos ultraconservadores e algumas pautas, como anti-imigração e interpretações nativistas da economia, atraem audiências transnacionais (FROIO; GANESH, 2019). É importante considerar a corrida presidencial nos Estados Unidos, em 2016, com Donald Trump. Sua campanha eleitoral foi marcada por *fake news* a favor de sua imagem, publicidades bilionárias na imprensa e discursos públicos movidos por raiva, ódio, preconceito, mentiras e ataques à imprensa (BENNET; LAVINGTON, 2018). Na América Latina, a onda conservadora também se mostra evidente, principalmente com a subida da direita ao poder em diversos países (WELD, 2020; GIORDANO, 2014). Giordano (2014) ao investigar o que há de novo nas novas direitas na América Latina, afirma que os grupos extremistas continuam mantendo laços fortes com a igreja e as Forças Armadas, e que os discursos violentos são considerados legítimos sob o viés de liberdades individuais.

Se na Europa e em outros países latino-americanos têm-se evidências da proliferação da direita, no Brasil há um encadeamento similar, o que tem relação com seu enredo político recente. A longa formatação da sociedade brasileira se constituiu em uma cultura política conservadora e autoritária no que diz respeito às ideias e aos costumes. Lynch (2017) esboçou o atraso político do país, enquanto Carvalho (1998) concluiu que a imagem do cidadão brasileiro sob si próprio era de pouca confiança e menos confiáveis seriam os representantes e as instituições políticas.

Com esse panorama, a direita no Brasil passou a se organizar de maneira mais ativa nas plataformas digitais a partir do cenário político de 2013 e se tornou mais evidente após 2015, na onda de manifestações que deu origem ao impeachment da então presidente Dilma Rousseff (ROCHA, 2018). Na situação de instabilidade política, a direita se destaca (MESSENBURG, 2017), Bolsonaro se projetou como liderança nacional (CHALOUB; LIMA; PERLATTO, 2018) e a internet assumiu papel

decisivo na sua candidatura (FONTENELLE; SOUZA, 2019). As eleições de 2018 foram marcadas pelo uso de robôs e pela difusão de *fake news* (RUEDIGER, M., 2018; HARBATH, 2018; DOURADO, 2020).

A escalada dos atores de direita nas redes sociais muitas vezes tem mais visibilidade do que a própria imprensa. Esse desarranjo da visibilidade (ALVES, 2019) aponta para um desequilíbrio em favor de atores ultrac conservadores de direita. Esses grupos agem como movimentos sociais identitários, preservando repertórios de ação coletiva (GATTINARA; PIRRO, 2018) para mobilizar e influenciar outros grupos de interesse coletivos ou comuns. Os grupos de direita abraçaram a desinformação e as teorias da conspiração (FREELON; MARWICK; KREISS, 2020) e criaram sua própria rede de informações que desvia a centralidade das mídias tradicionais (MASSUCHIN *et al.*, 2021; EDDINGTON, 2018; EKMAN, 2014).

Ademais, os grupos de extrema-direita atuam numa lógica na qual se apropriam das táticas de credibilidade do mesmo jornalismo que rejeitam para dar legitimidade a seus conteúdos (BENNET; LAVINGTON, 2018). Elementos qualificados como notícia, utilização de manchetes, *teaser*, postagens similares a um veículo de comunicação e falas entre aspas são algumas das características visualizadas nos materiais que esses grupos veiculam. E, de modo adicional, os *links* compartilhados dentro desses meios são, na maioria das vezes, de veículos de imprensa criados para compartilhamento de teorias da conspiração e *fake news*, gerando o que vem sendo nomeado, no caso do Brasil, como rede de imprensa bolsonarista (PIAIA; ALVES, 2020; MASSUCHIN *et al.*, 2021).

A atuação antidemocrática e anti-institucional da direita digital se materializa nas postagens em favor do fechamento de instituições representativas, como Congresso Nacional e STF, pedidos de retorno à ditadura militar, censura aos jornais, rupturas institucionais, discursos de ódio às minorias e aos imigrantes, e proximidade com discursos de líderes nazifascistas (AVRITZER, 2020). Esse fortalecimento da imagem do inimigo se traduz, principalmente, no Partido dos Trabalhadores (PT), nos movimentos e partidos de esquerda, no comunismo, e recentemente, com a pandemia de Covid-19 e a corrida pelas vacinas, na China (YAMANAKA, 2021).

Destaca-se que a presença ativa de usuários no Twitter afeta a estrutura e participação na rede, já que as mensagens compartilhadas dependem de engajamento e *retweets* para ganharem forças. A interferência desses perfis proporciona a circulação em massa de mensagens que podem deslegitimar instituições e a própria democracia. Oliveira e Maia (2020) sustentam que esses perfis se identificam como “cidadãos de bem”, os quais se unem na cruzada contra os inimigos e traidores a fim de construir uma sociedade homogênea. Vale mencionar que não são somente atores políticos que publicizam tais conteúdos, havendo a proliferação de diversas páginas e perfis que agregam milhares de seguidores.

Neste artigo – para ilustrar esses casos e sua associação com os valores antidemocráticos e de críticas às instituições –, dá-se ênfase para os perfis mantidos por apoiadores e engajadores da extrema-direita. Dentre eles, estão as contas Direita Brasil (@DireitaBrasil) e Verde e Amarela (@verdeeamarela38), que juntas agregam 487 mil seguidores. Esses perfis se autoidentificam, em suas *bios*, como conservadores, em favor da família, dos valores tradicionais da civilização ocidental e contra o esquerdismo. Costumam, ainda, compartilhar e apoiar políticos de direita, reproduzindo o ecossistema de um grupo coeso e dinâmico no ambiente digital.

A partir disso, o texto trabalha com as hipóteses de que (1) os ataques às instituições se intensificam ao longo do tempo, resultado do acirramento entre os poderes no cenário brasileiro, tendo-os como foco nas postagens, assim como seus representantes; enquanto (2) as críticas aos valores democráticos e os ataques ideológicos se dão de forma generalizada à democracia e são estáveis ao longo do tempo.

4. Abordagem metodológica: proposta de variáveis e escolhas de pesquisa

No artigo, busca-se identificar comportamentos de atores nativos digitais que se intitulam como representantes da direita e analisa-se a adesão aos valores antidemocráticos e ataques às instituições políticas. O texto tem como foco dois perfis de Twitter – Direita Brasil e Verde e Amarela – que se colocam como representantes da direita. A associação entre discurso antidemocrático e excludente (seja em relação às minorias ou aos

estrangeiros), a direita e a mobilização no ambiente digital (CASTELLI; PIRRO, 2018) já tem se dado na literatura.

Para a categorização dos perfis, utiliza-se a análise de conteúdo como abordagem analítica a partir das discussões de Bauer (2017) e Sampaio e Lycarião (2021) sobre a definição do *corpus*, a discussão de um livro de codificação e a validação entre codificadores. Parte-se do pressuposto de que, para esta pesquisa, a técnica permite descrever e interpretar comportamentos de forma comparativa e, inclusive, longitudinalmente quanto aos pontos que interessam a este artigo.

A escolha do Twitter como espaço para a coleta desses dados se dá devido ao fato de que a rede é o local em que o debate político ocorre no Brasil com significativa intensidade. Isso ocorre, segundo Parmelee e Bichard (2012), devido ao Twitter (1) tratar-se de uma forma de obter informação política rápida e sem filtros; (2) preencher o anseio dos usuários que desejam ser parte do processo político e não só receptores de informação; e (3) ser uma ferramenta de negócio para quem trabalha com política ou faz a cobertura de notícias políticas.

Os dados analisados fazem parte de um banco de dados produzido pelo Grupo de Pesquisa em Comunicação Política e Opinião Pública (CPOP), que tem acompanhado sistematicamente a comunicação de atores institucionais e não institucionais no Twitter. Para esta pesquisa, o recorte se dá nos dois perfis específicos – Direita Brasil e Verde e Amarela – que se intitulam como de direita. Ao todo, são analisados conteúdos publicados de janeiro de 2020 a junho de 2021, perpassando por diversos momentos importantes como manifestações pró e contra o presidente Jair Bolsonaro (FOLHA DE S. PAULO, 2021a)³, todo o percurso da pandemia de Covid-19 e os atritos institucionais entre os três poderes recentemente ocorridos (FOLHA DE S. PAULO, 2021b)⁴.

3 Como relatado em reportagem de 07 setembro de 2021, disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/09/ao-menos-15-capitais-tem-atos-pro-bolsonaro-incluindo-salvador-ricife-e-bh.shtml>.

4 Conforme outra reportagem, também de 07 setembro de 2021, intitulada "Bolsonaro ameaça o STF de golpe, exorta a desobediência à Justiça e diz que só sai morto", disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/09/na-paulista-bolsonaro-repete-ameacas-golpistas-ao-stf-e-diz-que-canalhas-nunca-irao-prende-lo.shtml>.

Foram coletadas 2.873 postagens, sendo 1.872 da Direita Brasil e 920 da Verde e Amarela⁵. A raspagem dos dados foi realizada com auxílio do Software R e as postagens foram codificadas por duas pesquisadoras. Como o foco do artigo é identificar o comportamento das páginas em relação à adesão aos valores antidemocráticos e os ataques às instituições políticas, dada à condição política do período e a literatura nacional e internacional que tem identificado certa similaridade nos discursos emitidos pelos grupos que se intitulam como direita no ambiente digital quanto a esses aspectos, são incluídas as seguintes variáveis: tema das publicações; discursos; tipo de ataques institucionais; ataque a valores e críticas a outros posicionamentos político-ideológicos. O teste de confiabilidade entre as codificadoras trouxe os seguintes percentuais: 88% para o tema das postagens; 100% para ataques institucionais; 94% para críticas a valores; 98% para críticas a outras ideologias e 96% de média nos oito tipos de discursos indicados como sendo cada um deles uma variável de coocorrência.

Em relação à *variável tema*, buscou-se entender sobre quais assuntos os perfis se manifestam, tendo sido elencado oito possibilidades: economia, corrupção, saúde/pandemia, minorias, meio ambiente, educação e infraestrutura. Considerou-se temas centrais no debate político ao longo dos últimos anos, em decorrência dos embates políticos do atual governo, a pandemia, a crise ambiental, o discurso anticorrupção e contrário às minorias, além dos destaques relacionados à educação (quanto aos colégios militares e aos repasses ao ensino superior).

Quanto à variável *ataques institucionais*, elemento elencado como relevante em mensagens da extrema-direita (RUEDIGER *et al.*, 2021), estes são divididos em nove possibilidades, considerando também quando havia ataques direcionados a outros representantes políticos que pertenciam aos três poderes: aos deputados; aos senadores; ao congresso/senado; ao STF; aos juízes do STF; aos prefeitos; às prefeituras; aos partidos; à CPI da COVID. Destaca-se que foram considerados apenas ataques diretos, embora pudesse haver também conteúdos sobre supostas fraudes nas urnas ou de desconfiança ao sistema eleitoral que podem ser enquadrados também,

5 Dez postagens feitas pelos perfis não puderam ser analisadas porque os conteúdos estavam indisponíveis, o que não permitia a análise conforme as variáveis do banco.

de alguma forma, como ataques às instituições porque, da mesma forma, deslegitimam e descredibilizam, e são uma cópia das ações da extrema-direita no panorama estadunidense (RUEDIGER *et al.*, 2021). No entanto, não foram contabilizados nesta análise por não haver citação direta às instituições ou aos agentes do legislativo ou do judiciário, por exemplo.

O texto trabalha, igualmente, com outras duas variáveis que indicam adesão a valores antidemocráticos. Tem-se, portanto, a variável *crítica a valores* que se divide em crítica direta à democracia, às minorias e às religiões. De forma separada, observa-se, ademais, se há algum tipo de ataque ou crítica em relação ao espectro ideológico ou a supostos opositores, considerando que outras ideologias e partidos também fazem parte da democracia e que xenofobia e anticomunismo também são elementos já investigados nos discursos da extrema-direita (PENTEADO; LERNER, 2018; DALMONTE; DIBAI, 2019; NOURI; LORENZO-DUS, 2019). Nesse sentido, tem-se: crítica à China; crítica à esquerda e crítica ao PT.

Por último, são analisados os distintos discursos da extrema-direita mapeados na literatura sobre estratégias presentes no ambiente digital (CHAGAS; MASSUCHIN, 2022). Alguns podem não fazer parte do enquadramento brasileiro porque foram mapeados em grupos de distintos países e regiões; no entanto, como há uma atuação transnacional dos grupos (FROIO; GANESH, 2019; CAIANI; KRÖLL, 2014), estão incluídos no processo de codificação, sendo eles: anti-imigração; antimínorias, caráter identitário (dando a ideia de que a direita é um grupo coeso); anticomunismo, conteúdo conspiracionista; apoio ao presidente; defesa e apologia à ditadura e defesa da destituição dos poderes (STF, legislativos etc.). A partir dessas características elencadas, os conteúdos dos perfis foram codificados e a análise – comparativa e longitudinal – é apresentada nos tópicos a seguir.

5. Sobre o que comentam os perfis: temas, contatos e discursos da direita on-line

Embora o texto tenha como objetivo central discutir o comportamento digital das páginas no que tange aos ataques às instituições e aos valores democráticos, busca-se contextualizar os conteúdos distribuídos pelos

dois perfis. Com 68% das postagens, o principal conteúdo diz respeito ao tema político institucional. “@danielPMERJ Daniel, assim q o nhonho sair, cobrem pautar a pec do voto impresso p/ 2022 Converse com a base, com o presidente. Façam o possível e o impossível” exemplifica as postagens que dialogam sobre a cena política.

Por outro lado, a pandemia também evidenciou os assuntos relacionados à saúde (6,4%), ainda que com um viés político e questionador sobre as decisões de governadores e prefeitos, com similaridade de teor entre o perfil e o discurso recorrente do presidente. Conforme Malerba e Fernandes (2021), há uma narrativa integrada que amplifica argumentos, ou seja, embora as páginas não sejam oficiais e representativas da direita partidária, corroboram seus discursos. “*Implantando o comunismo: Testaram lockdown, o povo aceitou. Testando toque de recolher, o povo vai aceitando. O próximo teste será o fuzilamento. Tudo pela sua saúde.* 😊😊😊” é um exemplo que reproduz argumentos para os quais a direita partidária também é contrária.

As páginas dão mais espaço para a política institucional brasileira, ainda que sejam páginas não oficiais, conforme denomina Alves (2016). No entanto, há diferença entre elas, com maior foco na política institucional na página Verde e Amarela, que, a partir dos resíduos padronizados, demonstra afastamento quanto aos temas como economia (-2,7), corrupção (-2,2) e minorias (-2,7).

Tabela 1 – Comparação entre as páginas quanto aos temas das postagens

	Página	Total	
	DireitaBrasil	verdeeamarela38	
Outros Temas	16,20%	15,90%	16,10%
Rp.	0,1	-0,2	
Política Institucional	65,80%	72,80%	68,10%
Rp.	-1,2	1,7	
Economia	3,50%	1,30%	2,80%
Rp.	1,8	-2,7	
Corrupção	4,80%	2,60%	4,10%
Rp.	1,5	-2,2	
Saúde	6,40%	6,40%	6,40%
Rp.	0	0	
Minorias	2,10%	0,40%	1,60%
Rp.	1,9	-2,7	
Meio Ambiente	0,30%	0,00%	0,20%
Rp.	0,9	-1,3	
Educação	0,50%	0,20%	0,40%
Rp.	0,6	-0,8	
Infraestrutura	0,40%	0,20%	0,30%
Rp.	0,4	-0,5	
%	100,00%	100,00%	100,00%
Chi-Square: 37,282			
p=0,000			

Fonte: Elaborada pelas autoras (2021).

Outro elemento que permite um panorama da página – ainda que não seja uma discussão direta sobre o foco ao qual o texto se propõe – são algumas manifestações advindas da literatura – o que permite verificar similaridades com as estratégias da direita digital em outras condições, como a relação com questões migratórias (CASTELLI; PIRRO, 2018), e, ainda, a inclusão de mensagens que podem ser considerados como especificidades,

como é o caso da defesa à ditadura militar e à destituição dos poderes, o que dialoga com a perspectiva já do próprio artigo. Nesse sentido, três discursos são recorrentes: apoio ao presidente (46%), conspiracionista (33%) e identitário (28%), ainda que anticomunismo e antiminorias também apareçam com 11% e 7%, respectivamente. Notadamente, o discurso anti-imigração, típico da conjuntura europeia, não repercute no Brasil. A defesa e a apologia à ditadura militar, por outro lado, aparecem apenas pontualmente.

Tabela 2 – Discursos da Direita Brasil e Verde e Amarela no Twitter

Discursos	Número	%
Apoio ao presidente	483	46,40%
Conspiracionista	341	32,80%
Identitário	287	27,60%
Anticomunismo	112	10,80%
Antiminorias	73	7,00%
Destituição dos poderes	26	2,50%
Defesa e apologia à ditadura	16	1,50%
Antimigração	12	1,20%
Total	1.350	100,00%

Fonte: Elaborada pelas autoras (2021).

Dois discursos evidenciam uma transnacionalização dos discursos da direita – como o identitarismo e o conspiracionismo –; porém, o apoio ao presidente é um traço bastante destacado no caso brasileiro. “Bananas para os bananas. Esse é o meu presidente 🇧🇷  <https://t.co/RacKEnRYFu>” e “TA EXPLICADO #BolsonaroTemRazao <https://t.co/LgthM1uvIj>” são exemplos. Ou seja, importam menos as pautas e mais o apoio ao presidente, o que distancia a atuação das páginas, em alguma medida, de outros redutos da direita on-line. No entanto, há diferenças entre elas, especialmente quanto ao apoio ao presidente.

Tabela 3 – Comparação entre Direita Brasil e Verde e Amarela nos discursos

Discursos**	Direita Brasil			Verdeeamarela38			Chi-Square
	N	%	Rp.	N	%	Rp.	
Apoio ao presidente*	269	13,8	-3,3	214	23,4	4,8	40.401
Conspiracionista*	256	13,2	1,6	85	9,3	-2,3	8.914
Identitário	291	10,3	0,4	86	9,4	-0,6	0.610
Anticomunismo	85	4,4	1	27	2,9	-1,5	3.341
Antiminorias*	64	3,3	2	9	1	-3,3	13.328
Destituição dos poderes	20	1	0,6	6	0,7	-0,8	0.961
Defesa e apologia à ditadura	11	0,6	0	5	0,5	-0,1	0.004
Antimigração	11	0,6	1	1	0,1	-1,4	3.103

*p<0,05

**Foi realizado um teste para cada um dos discursos, os quais são variáveis binárias de presença e ausência.

Fonte: Elaborada pelas autoras (2021).

Enquanto o perfil Direita Brasil tem discursos mais espalhados, o Verde e Amarela centraliza-se na defesa do presidente. O resíduo mais forte está na relação entre a página e o apoio ao presidente (4,4 positivo). Assim, as teorias conspiracionistas e antiminorias perdem espaço, tendo uma relação negativa com a página como mostra os resíduos negativos (-2,3 e -3,3). No entanto, vale mencionar que mesmo que, comparativamente, a página Verde e Amarela não tenha se sobressaído nos demais discursos, estes também aparecem. Isso pode indicar que os diferentes canais não oficiais da direita atuam em distintas frentes.

Tabela 4 – Perfis mencionados e retuitados nas páginas

Perfil	N
@jairbolsonaro	118
@JornalOGlobo	77
@BolsonaroSP	38
@STF_oficial	29
@Biakicis	28
@somosalianca	26
@RodrigoMaia	24
@Estadao	22
@alexandre	21

Fonte: Elaborada pelas autoras (2021).

Por último, é importante mostrar que os perfis costumam dialogar com outros agentes de direitas. Estes, sim, pertencentes à esfera política diretamente, como é o caso do próprio presidente (@jairbolsonaro), Eduardo Bolsonaro (@bolsonaroSP), Bia Kicis (@biakicis) e o partido Aliança pelo Brasil (@somosalianca). Por outro lado, os perfis mantêm um enfrentamento direto com outros agentes, como a imprensa (@jornalOGlobo e @estadao) e representantes de outros poderes, como juizes do STF, o próprio órgão e o ex-presidente da Câmara, Rodrigo Maia (@alexandre, @STF_oficial e RodrigoMaia), o que dá indícios dos ataques analisados a seguir.

6. Crítica e ataques às instituições e a seus representantes

Em relação aos ataques às instituições, consideramos tanto estas quanto os seus representantes, o que eleva para 17% das postagens com algum tipo de ataque. De forma estratificada, no período analisado os ataques se direcionaram em primeiro lugar ao Supremo Tribunal Federal (29,2%), que tem apresentado ação intensiva durante o governo de Jair Bolsonaro, o que, muitas vezes, desagrade as páginas Direita Brasil e Verde e Amarela. Podemos notar essa insatisfação nos *tweets* “*O Sstf fará LIVE com Fernandinho Beira-Mar também?*” e “*“STF deve barrar uso de Cloroquina’ ‘STF autoriza Estados a descumprir decreto sobre serviços essenciais de Bolsonaro’ ‘STF barra nomeação de Diretor Geral da PF’. Quem*

são os antidemocráticos mesmo?? Precisa desenhar ou está claro quem são os BANDIDOS dessa nação??”.

Tabela 5 – Classificação dos ataques institucionais

Ataques Institucionais	N	%
Deputados	81	16,3
Senadores	47	9,5
Legislativo (Senado e Câmara)	103	20,7
STF	145	29,2
Juízes do STF	47	9,5
Prefeitos	21	4,2
Prefeituras	11	2,2
Partidos	16	3,2
CPI da COVID	20	4
Mais de um ataque	6	1,2
<hr/>		
Atacam	497	17,3
Não atacam	2376	82,7
Total	2873	100

Fonte: Elaborada pelas autoras (2021).

Na sequência, estão os ataques ao Legislativo – Senado e Câmara – representando 20,7% do total. E essas instituições também têm criado conflitos com o presidente, o que vai de encontro ao grande apoio que estas páginas oferecem ao presidente, como já verificado. Os deputados são a terceira categoria (16,3%) que mais sofre represálias nas declarações das páginas, por exemplo: “*Ao tentar instituir o seu, AHAHAHAHAHAHAHAHAHA!!!! A louca possuída chamando os outros de demônio, bahahahahahahahahaha!!!! https://t.co/Ui4nIX2gkH*”, em referência à deputada estadual Janaina Paschoal que, apesar de muitas vezes apoiar o presidente, também o critica. Senadores e juízes do STF ocupam a quarta posição, o que demonstra que muitos ataques ocorrem de forma ampliada, tanto aos representantes das instituições quanto a elas diretamente. Apesar dos atritos entre as decisões

nacionais e municipais quanto à pandemia, poucos foram os ataques direcionados aos prefeitos e às prefeituras.

Tabela 6 – Ataques institucionais de acordo com as páginas

	DireitaBrasil	verdeeamarela38	Total
Deputados	14,10%	21,50%	16,30%
Rp.	-1	1,6	
Senadores	6,30%	16,80%	9,50%
Rp.	-1,9	2,9	
Legislativo (Senado e Câmara)	21,00%	20,10%	20,70%
Rp.	0,1	-0,2	
STF	32,50%	21,50%	29,20%
Rp.	1,1	-1,7	
Juizes do STF	11,80%	4,00%	9,50%
Rp.	1,4	-2,2	
Prefeitos	3,40%	6,00%	4,20%
Rp.	-0,7	1,1	
Prefeituras	1,70%	3,40%	2,20%
Rp.	-0,6	0,9	
Partidos	3,20%	3,40%	3,20%
Rp.	-0,1	0,1	
CPI da COVID	4,60%	2,70%	4,00%
Rp.	0,5	-0,8	
Mais de um ataque	1,40%	0,70%	1,20%
Rp.	0,4	-0,6	
Total	100,00%	100,00%	100,00%
Chi-Square: 30.339 p<0,05			

Fonte: Elaborada pelas autoras (2021).

De forma comparada os perfis possuem comportamentos um pouco diferentes quanto a esses ataques. A Direita Brasil tende a fazer mais ataques aos juizes do STF e à instituição de forma mais geral (ainda que

o resíduo não seja acima de 1,96, o sinal aponta o direcionamento), diferentemente da Verde e Amarela que não tende a ter este comportamento, principalmente no caso do STF (-2,2). Por outro lado, esta última tende a focar seus ataques aos deputados e senadores com maior ênfase. Devido à CPI da Covid ter começado apenas em 27 de abril de 2021, esta Comissão teve poucas aparições como alvo de ataque institucional em ambas as páginas, representando 4,6% na Direita Brasil e 2,7% na Verde e Amarela, embora o “inimigo” a ser atacado possa ter se alterado ao longo do segundo semestre de 2021, com a intensificação do trabalho da Comissão.

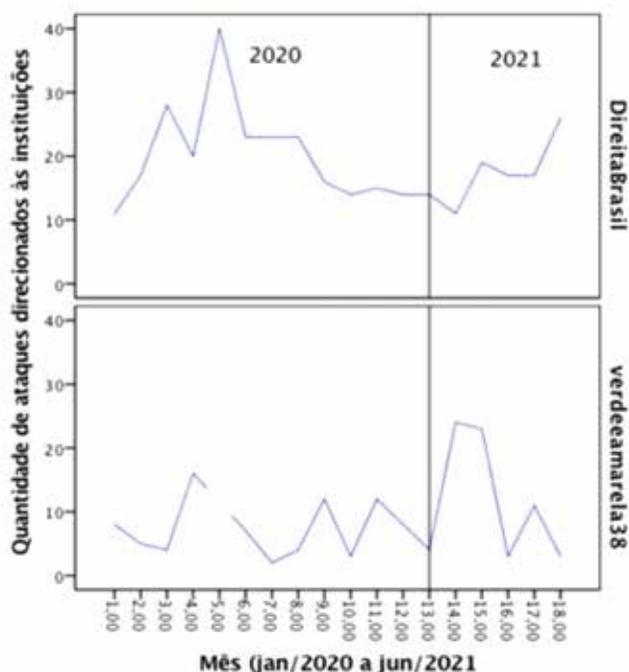


Gráfico I – Distribuição longitudinal dos ataques a valores democráticos e ideológicos

Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

Há diferenças também ao longo do tempo; no entanto, não foi possível confirmar completamente a hipótese de que os ataques institucionais se intensificaram ao longo do tempo, já que oscilam bastante e têm picos

diferentes entre as páginas. Por outro lado, os ataques – de fato – focam tanto as instituições quanto os seus representantes. Em relação aos dois perfis, os *tweets* da Direita Brasil com ataques atingiram seu pico em 2020, em maio, enquanto o perfil Verde e Amarela intensificou esse viés agressivo em 2021, principalmente nos primeiros meses do ano.

7. Valores antidemocráticos: ataques à democracia e à esquerda

No que diz respeito aos ataques a valores, a análise foi dividida em duas partes: (1) considerou-se ataque a valores todas as vezes que ocorriam manifestações contrárias tanto a valores de pluralidade (considerando minorias e religião) e foram observados, de forma separada, (2) ataques também aos oponentes políticos da direita que já foram apontados pela literatura (PENTEADO; LERNER, 2018), tendo sido, ainda, adicionados ataques à China por conta do discurso anticomunista e do cenário da pandemia de Covid-19, o que enfatizou discursos contrários à China (MASSUCHIN *et al.*, 2021). No geral, os perfis tendem a trazer discursos antidemocráticos em 10% dos conteúdos, ou seja, um em cada dez posts observados trazia alguma crítica à democracia, à pluralidade religiosa ou às minorias, sendo enquadrados como antidemocráticos. Quando observados os tipos de ataques, eles são predominantemente à democracia, na sua forma mais ampla, totalizando 81,3%. Esse dado vai ao encontro da literatura já discutida acima que afirma que os grupos de direita direcionam seus ataques a valores democráticos e tensionam a retirada progressiva da possibilidade de decisões democráticas. Segundo Almeida (2018), somente assim é possível estabelecer políticas de austeridade e de retirada de direitos sociais.

As minorias são alvo de ataque desses grupos, com 18% dentro desse eixo. Os atos preconceituosos contra minorias sociais (negros, indígenas, imigrantes, mulheres, homossexuais, idosos, moradores de vilas ou comunidades, portadores de deficiências e moradores de ruas) são alguns exemplos de ataques em páginas de extrema-direita (GRANJEIRO, 2021), e, que segundo a análise, se mostram evidentes nos perfis desses grupos, ainda que não seja o que mais evidencia os ataques à democracia. “*AHAHAHAHAHAHAHAHAHA!!!!!! Era óbvio que a humanidade chegaria*

nesse ponto de loucura! Agora, se colocar os índios, como ficam os gordos?? E os gays?? E os carecas?? E os deficientes físicos?? E os trans?? E os feios??? <https://t.co/9eEvYOYuOa>”; “O problema do @danielPMERJ é ser hétero, branco, policial e de direita. Se fosse ladrão, índio, gay, negro, esquerdista e bandido, já teria advogado” são alguns dos exemplos de publicações que ilustram os ataques preconceituosos dessas páginas às minorias e reforçam, inclusive, que muitos desses ataques estão associados ao humor (CHAGAS; MASSUCHIN, 2022).

Tabela 7 – Os valores que os perfis mais atacaram

Tipo de Ataque a Valores	N	%
Democracia	235	81,3
Minorias	52	18
Religião	2	0,7
Atacam	289	10,1
Não atacam	2584	89,9
Total	2873	100

Fonte: Elaborada pelas autoras (2021).

É importante notar que, quando as páginas são comparadas, ambas possuem um comportamento bastante similar, como demonstra o teste de Qui-Quadrado. Apesar das diferenças numéricas a serem vistas na tabela seguinte, o comportamento é similar, não havendo variação significativa entre elas a partir da análise estatística.

Quando se trata de religião, é interessante notar os dados de baixos níveis de ataques. Essa relação pode ser compreendida pelo fato de a religião ser considerada uma das formas da manutenção do pensamento conservador na atualidade. Segundo Albiero *et al.* (2018), são esses pensamentos que alimentam a extrema-direita. Apenas 0,80% dos dados apontam para ataques religiosos referentes à página Direita Brasil, enquanto nenhum ataque, ou seja, 0%, sinaliza as publicações da Verde Amarela quando se refere a ataques religiosos. Ainda segundo Albiero *et al.* (2018), no Brasil, os

ataques religiosos não são tão extremados como os grupos de extrema-direita de outros países, como se percebe na Europa, e nos Estados Unidos, por exemplo, onde a intolerância religiosa se materializa, principalmente contra o islamismo (DARMSTADT; PRINZ; SAAL, 2019).

Tabela 8 – Comparativo entre os ataques à democracia, a minorias e à religião

	Democracia	Minorias	Religião	Total
Direita Brasil	196	44	2	242
%	81,00%	18,20%	0,80%	100,00%
verdeeamarela38	39	8	0	47
%	83,00%	17,00%	0,00%	100,00%
Total	235	52	2	289
%	81,30%	18,00%	0,70%	100,00%
Qui-quadrado: 0,437 p>0,05				

Fonte: Elaborada pelas autoras (2021).

Os ataques quanto ao espectro ideológico, entrando no segundo eixo dos valores antidemocráticos, 10% do total de postagens fazia algum ataque ideológico aos oponentes. E, como já esperado, tendo em vista a literatura abordada na parte teórica do trabalho, esse tipo de ataque se concentrou contra a esquerda (40%), totalizando 121 *tweets* em que os perfis fazem alguma menção com teor agressivo, sarcástico ou crítico referenciando oponentes no espectro ideológico. *Tweets* como “*CHOLA MAIS ESQUERDALHA IMUNDA! https://t.co/99wU2uYlBx*”, “*Com a pandemia de #COVID19, a esquerdalha que sempre defendeu o aborto agora posa de “protetora” da vida.*” e “*Quem defende bandido:- Bandido. - Família de bandido. - Globo e maioria da imprensa. - PT, PSOL, PCdoB e toda a esquerda.*” são amostras que ilustram os dados apontados na tabela a seguir.

O principal inimigo da direita, dentre os partidos, é o PT, que aparece em 33% desses ataques. O cenário do antipetismo no Brasil, mas principalmente por ser uma articulação de longa data, desde a rede social Orkut (CHAIA, 2007), é algo bastante evidente. Vale ressaltar que não se trata

de simples oposição, o que seria saudável para a democracia, mas uma desqualificação dos oponentes associada a estratégias de sarcasmo, ironia e outros repertórios discursivos, algo já discutido em outros planos de atuação digital da direita (EKMAN, 2014).

Tabela 9 – Aspectos ideológicos mais atacados/criticados

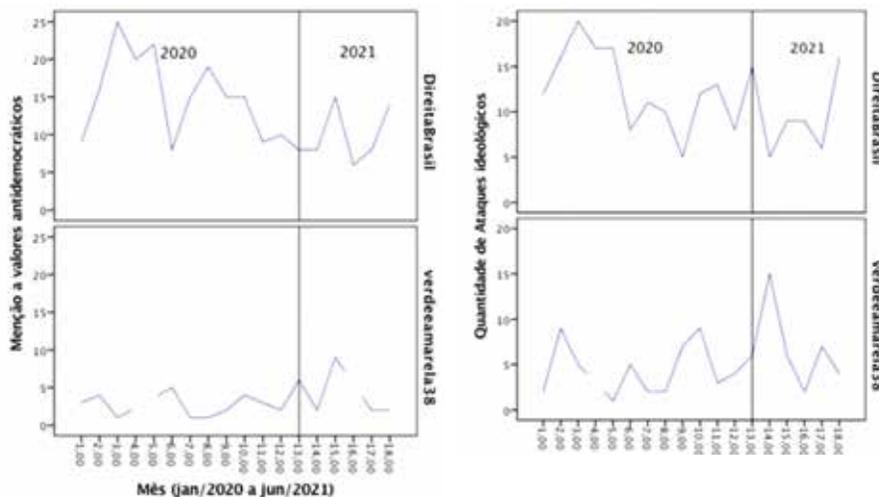
Ataques ideológicos	N	%
Esquerda	121	40,6
China	76	25,5
PT	101	33,9
Atacam	298	10,4
Não atacam	2.575	89,6
Total	2.873	100

Fonte: Elaborada pelas autoras (2021).

Esses ataques ao Partido dos Trabalhadores (PT) dialogam com Pentead e Lerner (2018), ao afirmar que as direitas nas redes possuem características temáticas e ideológicas que se articulam em torno de uma narrativa discursiva antipetista. Comparativamente, os ataques ao PT aparecem de forma similar entre as duas páginas (32,10% dos *tweets* da Direita Brasil e 38,20% dos *tweets* da Verde Amarela). O ódio ao PT ilustra-se em publicações como “Qual a diferença entre PT e PSDB? Simples, um foi o câncer do Brasil, o outro é o câncer de São Paulo.”; *Inacreditável. Vocês são lixo, escória pior que o PT.* <https://t.co/TYxgBmAAbk>”.

A China também se tornou alvo de ataques, mais evidentemente após a pandemia de Covid-19 em 2020/21. Os ataques xenofóbicos são particularidades da extrema-direita, como visto anteriormente; porém, segundo Khalil, Kalil e Caetano Junior (2021), no caso chinês, eles se intensificaram num sentimento “antiChina” após a crise humanitária do Coronavírus e aqui aparecem em 25% dos *tweets* com algum tipo de ataque ideológico, havendo, inclusive, similaridade entre as páginas. No geral, conforme a Tabela 10, não há distinção significativa de variação no comportamento das duas páginas,

dados distintos que não permitem a confirmação total da hipótese. Os gráficos apresentados a seguir mostram oscilações importantes.



Gráficos 2 e 3 – Distribuição longitudinal dos ataques à valores democráticos e ideológicos

Fonte: Elaborados pelas autoras (2021).

Assim, a segunda hipótese não pode ser totalmente confirmada. Embora quanto ao conteúdo, realmente sejam mais presentes os ataques generalizados, sem um foco específico, não é algo que ocorre de forma estável. Isso se deve, possivelmente, ao quadro social geral e a seus fatos principais, como o início da pandemia que trouxe mais ataques à China. Da mesma forma, nem mesmo os ataques genéricos seguem lineares porque aparecem atrelados aos fatos como a indisposição com o STF. Comparativamente, as páginas não seguem a mesma lógica de ataques, com exceção ao início da pandemia de Covid-19 e os ataques ideológicos.

8. Considerações finais

Este artigo discutiu as faces dos ataques à democracia e a seus valores, assim como às instituições, realizados a partir do que se intitula como ativismo de direita, tendo como base dois perfis do Twitter. O foco do

texto, portanto, está na análise da presença de valores antidemocráticos e ataques institucionais realizados a partir de *tweets* publicados nas páginas Direita Brasil e Verde e Amarela entre janeiro de 2020 e junho de 2021. A partir da observação comparativa e longitudinal, a análise sugere a inclusão de ataques institucionais e dissipação de valores antidemocráticos como elementos do repertório da direita, ao menos no caso brasileiro, de forma conjunta àqueles já apontados por Chagas e Massuchin (2022).

No geral, os perfis discutem a política institucional brasileira, constituem-se como apoio ao presidente, com a presença de discursos típicos de outros grupos de direita e, ao mesmo tempo, com enfrentamento a outros agentes, inclusive com insultos (DARMSTADT, PRINZ; SAAL, 2019) e ironia (EKMAN, 2014), a qual é outro elemento marcadamente presente neste tipo de ativismo. No cenário brasileiro e durante o momento da coleta de dados, quando distintos atritos entre os poderes ocorreram, percebeu-se que houve a constituição de alguns inimigos-alvo desses ataques. Primeiramente, as instituições – o STF e o legislativo federal. Porém, chama a atenção também a reprodução de valores antidemocráticos, tanto aqueles contrários à democracia de forma geral quanto os ataques direcionados à esquerda numa tentativa de aniquilar os opositores que estão em desacordo.

Em relação às hipóteses, ambas não são confirmadas em sua totalidade. No caso da H1, de fato, os ataques têm como foco tanto as instituições quanto os seus representantes; porém, não foi possível confirmar que os ataques institucionais se intensificaram ao longo do tempo, já que oscilam bastante e têm picos diferentes entre as páginas: a Direita Brasil atinge seu pico em 2020 enquanto o perfil Verde e Amarela intensificou esse viés agressivo em 2021. Já no caso da H2, percebeu-se que não há estabilidade ao longo do tempo quanto à dissipação de valores antidemocráticos, embora as páginas tenham agido de forma similar quanto à intensidade e os tipos de uso desse discurso. No geral, os perfis criam determinados alvos e faces da democracia a serem atacados – a partir do ódio e do asco – em determinados momentos mais necessários que em outros; no entanto, o comportamento que encara a política como um combate é uma marca de destaque, já que aparecem de forma evidente no montante de conteúdo.

Por fim, vale destacar que, apesar da pluralidade de contas e perfis existentes no ambiente digital, os casos escolhidos demonstram unidade nas ações relativas aos ataques institucionais e à presença de valores antidemocráticos, já que há similaridade desse repertório entre eles, ainda que diferenças quanto aos valores atacados e às instituições-alvo tenham aparecido no enfoque dos discursos.

Referências

- ALBIERO, C. *et al.* O conservadorismo da extrema-direita na contemporaneidade. **Caderno Humanidades em Perspectivas**, v. 2, n. 2, p. 116-128, 2018.
- ALMEIDA, S. L. Neoconservadorismo e liberalismo. *In*: GALLEGO, E. S. (org.). **O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil**. Boitempo, 2018. p. 27-33.
- ALVES, M. Desarranjo da visibilidade, desordem informacional e polarização no Brasil entre 2013 e 2018. 2019. 399f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.
- ALVES, M. Vai pra Cuba!!!! A rede antipetista na eleição de 2014. 2016. 199 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.
- AMARAL, A. C. dos S. A influência das redes sociais na comunicação política dos partidos de direita radical: o caso do Chega. 2020. 52f. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação. Instituto Universitário de Lisboa, 2020.
- ANDERSON, C. *Blaming the Government: Citizens and the Economy in five European Countries*. New York: M. E. Sharpe, 1995.
- AVRITZER, L. **Política e Antipolítica**. A Crise do Governo Bolsonaro. São Paulo: Todavia, 2020.
- BAQUERO, M; CASTRO, H. C. de O.; RANINCHESKI, S. M. (Des)confiança nas instituições e partidos políticos na constituição de uma democracia inercial no Brasil: o caso das eleições de 2014. **Política & sociedade**, Florianópolis, v. 15, n. 32, p. 9-38, jan./abr. 2016.
- BAUER, M. W. Análise de Conteúdo. *In*: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Editora Vozes Limitadas, 2017. p.
- BEN-DAVID, A.; MATAMOROS-FERNÁNDEZ, A. Hate Speech and Covert Discrimination on Social Media: Monitoring the Facebook Pages of Extreme-Right Political Parties in Spain. **International Journal of Communication**, v. 10, p. 1167-1193, 2016.

BENNETT, W. L.; LAVINGTON, S. The disinformation order: Disruptive communication and the decline of democratic institutions. **European Journal of Communication**, v. 33, n. 2, p. 122-139, 2018.

CAIANI, M; KRÖLL, P. The transnationalization of the extreme right and the use of the Internet. **International Journal of Comparative and Applied Criminal Justice**, v. 39, n. 4, p. 331-351, 2015.

CAIANI, M.; WAGEMANN, C. Online networks of the Italian and German extreme right: An explorative study with social network analysis. **Information, Communication and Society**, v. 12, n. 1, p. 66-109, 2009.

CARVALHO, J. M. de. O motivo edênico no imaginário social brasileiro. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 13, n. 38, p. 63-79, out. 1998.

CASTELLI, P. G.; PIRRO, A. L. P. The far right as social movement. **European Societies**, v. 21, n. 4, p. 447-462, 2019.

CATTERBERG, G.; MORENO, A. The Individual Bases of Political Trust: Trends in New and Established Democracies. **International Journal of Public Opinion Research**, Oxford, v. 18, n. 1, p. 31-48, spring 2006.

CHAGAS, V.; MASSUCHIN, M. **Repertórios e estratégias do ativismo digital de direita**. (no prelo), 2022.

CHAGAS, V. Meu malvado favorito: os memes bolsonaristas de WhatsApp e os acontecimentos políticos no Brasil. *Revista Estudos Históricos*, v. 34, n. 72, p. 169-196, 2021.

CHAIA, V. Internet e eleições: as comunidades políticas no Orkut nas eleições de 2006. *Logos*, v.27, n.14, p. 127-140, 2007.

CHALOUB, J.; LIMA, P.; PERLATTO, F. Apresentação: Direitas no Brasil Contemporâneo. *Revista Teoria e Cultura*, v. 13, n. 2, p. 9-21, 2018.

COLEMAN, J. S. **Foundations of Social Theory**. Cambridge: Belknap. 1990.

DALMONTE, E; DIBAI, P. A direita radical “bolsonarista”: da aporofobia à defesa da memória de regimes de exceção. **Revista IdeAs**, Rio de Janeiro, n. 14, 2019. Disponível em: <https://journals.openedition.org/ideas/6895>. Acesso em: 29 out. 2021.

DALTON, R. J. Political Support in Advanced Industrial Democracies. *In*: NORRIS, P. (org.). **Critical Citizens**. Oxford: Oxford University. 1999. P.

DARMSTADT, A.; PRINZ, M.; SAAL, O. The murder of Keira: misinformation and hate speech as far-right online strategies. *In*: FIELITZ, M.; THURSTON, N. (org.). **Post-digital cultures of the far right online actions and offline consequences in Europe and the US**. Leipzig: Deutsche Nationalbibliografie, 2019. p. 155-168.

DOURADO, T. M. S. G. **Fake News na eleição presidencial de 2018 no Brasil**. 2020. 308 f. Tese. (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

EDDINGTON, S. M. The Communicative Constitution of Hate Organizations Online: A Semantic Network Analysis of “Make America Great Again”. **Social Media + Society**, v. 4, n. 3, p. 1-12, jul./sep. 2018.

EKMAN, M. The dark side of online activism: Swedish right-wing extremist video activism on YouTube. *MedieKultur: Journal of media and communication research*, v. 30, n. 56, p. 21, 2014.

ERNST, N; ENGESSER, S; BÜCHEL, F; BLASSNIG, S; ESSER, F. Extreme parties and populism: an analysis of Facebook and Twitter across six countries. *Information, Communication & Society*, 2017, p. 1-19.

FERREIRA, A. V.; RIOS, J. R. A. C. Filtro bolha, câmara de eco e a formação de opiniões extremas. In: Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação, 40., 4-9 set. 2017, Curitiba. Anais eletrônicos... São Paulo: Intercom, 2017. (Tema: Intercom 40 anos: comunicação, memórias e historicidades). Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/44732>. Acesso em: 29 out. 2021.

FERREIRA, C. Vox como representante de la derecha radical en España: un estudio sobre su ideología. **Revista Española de Ciencia Política**, v. 51, 73-98, 2019.

FOLHA DE S. PAULO. **Ao menos 15 capitais têm atos pró-Bolsonaro, incluindo BH, Salvador e Recife**. 7 set. 2021a. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/09/ao-menos-15-capitais-tem-atos-pro-bolsonaro-incluindo-salvador-recife-e-bh.shtml>. Acesso em: 29 out. 2021.

FOLHA DE S. PAULO. **Bolsonaro ameaça o STF de golpe, exorta a desobediência à Justiça e diz que só sai morto**. 7 set. 2021b. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/09/na-paulista-bolsonaro-repete-ameacas-golpistas-ao-stf-e-diz-que-canalhas-nunca-irao-prende-lo.shtml>. Acesso em: 29 out. 2021.

FOLHA S. PAULO. **Datafolha**: Cai confiança da população nas instituições e nos três Poderes. 24 set. 2021a. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/09/datafolha-cai-confianca-da-populacao-nas-instituicoes-e-nos-tres-poderes.shtml>. Acesso em: 29 out. 2021c.

FONTENELLE, C. A.; SOUZA, C. Redes sociais: a internet assume papel preponderante nas eleições presidenciais de 2018. **Alabastro**: revista eletrônica dos discentes da Escola de Sociologia e Política da FESPSP, São Paulo, ano 8, v. 1, n. 13, p. 29-42, 2019.

FREELON, D.; MARWICK, A.; KREISS, D. False equivalencies: online activism from left to right. **Science** **369**, v. 6508, p. 1197-1201, sep. 2020.

FROIO, C.; Ganesh, B. The transnationalisation of far right discourse on Twitter. **European Societies**, v. 21, n. 4, p. 513-539, 2019.

- FUKUYAMA, F. **Trust: The Social Virtues and the Creation of Prosperity**. New York: Free, 1995.
- GABRIEL, O. W. Political Efficacy and Trust. *In*: VAN DETH, J. W.; SCARBROUGH, E. (org.). **The Impact of Values**. Oxford: Oxford University, 1995. p. 357-389.
- GATTINARA, P. C.; PIRRO, A. L. P. The far right as social movement. **European Societies**, v. 3, issue 4, p. 447-492, 2018.
- GFK VEREIN. **Confiança nas profissões 2016** – um estudo da GfK Verein. De bombeiros a políticos. Nuremberg: GfK Verein, 2016.
- GIORDANO, V. ¿Qué hay de nuevo en las “nuevas derechas”? **Nueva Sociedad**, n. 254, p. 46-56, 2014.
- GRANJEIRO, G. L. O Crescimento da Extrema Direita e das Manifestações Antidemocráticas pela volta do Regime Civil-Militar no Brasil (2013-2020). *In*: ANPUH BRASIL, SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 31., 2021, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: ANPUH, 2021. Disponível em: https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1617824011_ARQUIVO_addd42770ae3c381502e41dd6113d8b6.pdf. Acesso em: 1 nov. 2021.
- G1. **Datafolha: 75% apoiam democracia e 78% dizem que regime militar foi ditadura**. 27 jun. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/27/datafolha-75percent-apoiam-democracia-e-78percent-dizem-que-regime-militar-foi-ditadura.ghtml>. Acesso em: 1 nov. 2021.
- HARBATH, K. Protegendo as eleições no Brasil. **Facebook Newsroom**, 2018.
- KHALIL, O. A. K.; KHALIL, S. da S.; CAETANO JUNIOR, E. Xenofobia: um velho sintoma de um novo Coronavírus. **Revista Thema**, v. 20, p. 132-142, 2021.
- KLINGEMANN, H. Mapping Political Support in the 1990s: a Global Analysis. *In*: NORRIS, P. (org.). **Critical Citizens**. Oxford: Oxford University. 1999. p.177-200.
- LEVI, M. A State of Trust. *In*: BRAITHWAITE, V.; LEVI, M. (org.). **Trust and Governance**. New York: Russell Sage Foundation. 1998. p.84-85.
- LIMA, F. B. Entre Bolhas e Grietas: A Polarização Político-Ideológica nas Redes Sociais. **Estudos Linguísticos e Literários**, v. 67, p. 63-81, 2021.
- LYNCH, C. E. C. Cultura política brasileira. *Revista da Faculdade de Direito da UFRGS, Porto Alegre*, n. 36, p. 4-19, ago. 2017.
- MALERBA, J.; FERNANDES, R. Conspiracionismo e negacionismo político-midiático: complementaridades discursivas entre Bolsonaro e Sikêra Júnior sobre a pandemia de Covid-19. **Revista Mídia E Cotidiano**, v. 15, n. 3, p. 51-72, 2021.

MASSUCHIN, M. G.; SANTOS, M. B. A Intersecção entre Desinformação, Religião e Pandemia: A Atuação de Canais Religiosos no YouTube no contexto da Covid-19. **Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura**, v. 10, n. 1, p. 1-30, 2021.

MASSUCHIN, M. *et al.* A estrutura argumentativa do descrédito na ciência: uma análise de mensagens de grupos bolsonaristas de WhatsApp na pandemia da COVID-19. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**, v. 23, n. 2, p. 160-174, maio/ago. 2021.

MESSEMBERG, D. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. **Soc. estado.**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 621-648, dez. 2017.

MIGUEL, L. F. A reemergência da direita brasileira. In: SOLANO, E. *et al.* (org.). **O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil. ?** São Paulo: Boitempo Editorial, 2018. p.17-26.

MOISÉS, J. A. A desconfiança nas instituições democráticas. **Opinião Pública**, v. 11, n. 1, p. 33-63, 2005.

MOISÉS, J. A.; CARNEIRO, G. P. Democracia, desconfiança política e insatisfação com o regime: o caso do Brasil. **Opinião Pública**, Campinas, v. 14, n. 1, p. 1-42, jun. 2008.

MOISÉS, J. A.; MENEGUELLO, R. **A desconfiança política e os seus impactos na qualidade da democracia – o caso do Brasil.** São Paulo: EdUSP, 2013.

NORRIS, P. **Critical Citizens: Global support for democratic government.** New York: Oxford University Press, 1999.

NOURI, L.; LORENZO-DUS, N. Investigating reclaim Australia and Britain first's use of social media: developing a new model of imagined political communities online. **Journal for deradicalization**, v. 18, p. 1-37, 2019.

OLIVEIRA, A. S.; LEITE, B. R. de M.; MARQUES, R. S. As novas direitas no Brasil e as estratégias de comunicação política nas mídias sociais. **Em Tese**, Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 245-269, set./dez. 2021.

OLIVEIRA, B. S.; MAIA, R. C. M. REDES BOLSONARISTAS: o ataque ao politicamente correto e conexões com o populismo autoritário. *Confluências | Revista Interdisciplinar De Sociologia E Direito*, v. 22, n.3 , 83-114, 2020.

PARMELEE, J. H.; BICHARD, S. L. **Politics and the Twitter Revolution: How Tweets Influence the Relationship between Political Leaders and the Public.** Maryland: Lexington Books, 2012.

PENTEADO, C. L. de C.; LERNER, C. A Direita Na Rede: Mobilização on-line no impeachment de Dilma Rousseff. **Em Debate**, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, p. 12-24, abr. 2018.

PEREIRA, C.; COUTINHO, C. A extrema-direita adiciona o neoliberalismo: O papel das mídias sociais no atual cenário político. **Cadernos de Relações Internacionais/PUC-Rio**, v. 2, p. 4-24, dez. 2019.

PIAIA, V.; ALVES, M. Abrindo a caixa preta: análise exploratória da rede bolsonarista no WhatsApp. **Intercom**, v. 43, n. 3, p. 135-154, 2020.

RECUERO, R.; SOARES, F.; ZAGO, G. Polarização, hiperpartidarismo e câmaras de eco: como circula a desinformação sobre COVID-19 no Twitter. **Contracampo**, Niterói, v. 40, n. 1, p. 3-5, jan./abr. 2021.

REIS, R.; ZANETTI, D.; FRIZZERA, L. A conveniência dos algoritmos: o papel do YouTube nas eleições brasileiras de 2018. **Revista Compólitica**, v. 10, n. 1, p. 35-58, 2020.

RIBEIRO, E. Confiança política na América Latina: evolução recente e determinantes individuais. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 19, n. 39, p. 167-182, jun. 2011.

RIBEIRO, E.; BORBA, J. Tolerância Política no Brasil Recente: evolução de indicadores e condicionantes. **Caderno CRH**, v. 32, n. 87, p. 641-657, 2019.

ROCHA, C. **O boom das novas direitas brasileiras**: financiamento ou militância? O ódio como política: A reinvenção das direitas no Brasil. 1. ed. São Paulo: Editora Boitempo, 2018.

RUEDIGER, M. **Robôs, Redes Sociais e Política No Brasil: interferências de perfis automatizados e atores políticos no debate eleitoral brasileiro**. Rio de Janeiro: FGV

DAPP, 2018.

RUEDIGER, M. *et al.* **Desinformação On-Line e Eleições no Brasil**: A circulação de links sobre desconfiança no sistema eleitoral brasileiro no Facebook e no YouTube (2014-2020). São Paulo: DAPP/FGV, 2021.

SAMPAIO, R. C.; LYCARIÃO, D. **Análise de conteúdo categorial**: manual de aplicação. São Paulo: Enap, 2021.

SOLANO, E. **Crise da Democracia e Extremismos de Direita**. São Paulo: Fundação Friedrich Ebert, 2018.

VALORES EM CRISE. **Relatório Valores em Crise**. 2020. Disponível em: <https://sivis.org.br/wp-content/uploads/2020/08/RelatorioValoresEmCrisePrimeiraOnda.pdf>. Acesso em: 1 maio 2021.

WELD, K. Holy War: Latin America's Far Right. **Dissent**, v. 67, n. 2, p. 57-65, 2020.

YAMANAKA, C. J. H. Covid-19: a racialização dos significados sobre a origem de um vírus. **Gláuks** – Revista de Letras e Artes, v. 21, n. 1, p. 103-128, 2021.

Recebido em 04/11/2021
Aceito em 18/02/2022
Versão final em 05/04/2022;